

O CONCEITO DE PROPORÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Thaís Pedretti Lofeudo Marinho FERNANDES⁶²

Ivo da Costa do ROSÁRIO⁶³

Resumo: Esse artigo focaliza a noção de proporção em estudos de cunho tradicional, a exemplo de Bechara (2009), Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2008). Partindo dessas visões tradicionais, exibem-se, em seguida, estudos de perspectiva não tradicional, a exemplo de Castilho (2012) e Mateus et alii (2003). Por fim, são analisados casos de usos efetivos da língua, extraídos do Corpus Discurso & Gramática. O objetivo é estabelecer o estatuto semântico da proporção, ainda que em cruzamento com outras semânticas instituídas na língua, como a noção de tempo e a de conformidade.

Palavras-chave: Proporção. Orações subordinadas. Orações adverbiais. Construções proporcionais.

Abstract: *This article focuses on the notion of proportion in traditional studies, such as Bechara (2009), Rocha Lima (2011) and Cunha and Cintra (2008). Based on these traditional views, studies of non-traditional perspectives are shown, such as Castilho (2012) and Mateus et alii (2003). Finally, are analyzed cases of effective uses of the language, extracted from the Corpus Discurso & Gramática. The objective is to establish the semantic status of the proportion, even if in crossroads with other semantics instituted in the language, such as the notion of time and conformity.*

Keywords: *Proportion. Subordinate clauses. Adverbial sentences. Proportional constructions.*

⁶² Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, na Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil, thaisplmf@gmail.com.

⁶³ Doutor em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente de língua portuguesa no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil, rosario.ivo3@gmail.com

Introdução

O conceito de proporção está instituído na língua na classe dos advérbios, em razão do seu caráter circunstanciador. No âmbito da sintaxe, em estudos de viés gramatical, a proporção está inserida no contexto das orações subordinadas adverbiais, cumprindo a função de estabelecer relação entre as partes. Parte-se, neste artigo, da definição acerca do conceito de proporção, elaborada pelo Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (2009), apresentada a seguir, com vistas a examinar o significado propriamente dito do conceito, para, posteriormente, apresentar suas acepções no âmbito gramatical tanto em estudos de perspectiva tradicional quanto em visões menos tradicionais da língua.

A proporção é definida pelo Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009) como:

Substantivo feminino

1 relação das partes de um todo entre si, ou entre cada uma delas e o todo, quanto a tamanho, quantidade ou grau; razão;

2 relação entre as partes de um todo que provoca um sentimento estético de equilíbrio, de harmonia;

Ex.: *as p. ideais da escultura e da arquitetura gregas*

3 justa relação entre coisas; conformidade;

4 extensão, intensidade, tamanho; dimensão (mais us. no pl.)

Ex.: *um incêndio de grandes p.*

5 efeito causado; importância;

Ex.: *o caso tomou p. inesperadas*

6 Rubrica: aritmética.

igualdade de duas razões;

A partir da consulta ao dicionário, identifica-se que o emprego da palavra *proporção* pode se dar em diversas áreas, uma vez que as acepções elencadas evidenciam sua relação com princípios estéticos e com noções de aritmética. As definições salientam a relação entre parte e todo, além de reforçarem a ideia de equilíbrio. Também é notória a menção à justa relação entre coisas, que faz referência à vinculação entre as partes que compõem o todo. O conceito de conformidade é referido no sentido de correspondência entre elementos, mais uma vez retomando a ideia de parte e todo. As acepções relacionadas a efeito causado e a intensidade não configuram definições que se conectam ao estudo da semântica de proporção instaurada neste capítulo, pois, nesses casos, a palavra *proporção* pode ser substituída por *dimensão*, por exemplo.

Partindo da definição dicionarizada de proporção, pretende-se, neste trabalho, examinar as definições elaboradas acerca da implementação desse matiz semântico na língua. O objetivo

é investigar como esse conceito do nível das ideias se concretiza no nível gramatical. Para isso, serão mapeados estudos de natureza gramatical, como Bechara (2009), Rocha Lima (2011), Cunha e Cintra (2008) e Almeida (1983), ao lado de outros de viés não tradicional, como Castilho (2012), Mateus et alii (2003) e Decat (2001).

Compreende-se que, independente da natureza da abordagem, essas são interpretações acerca das construções que veiculam proporção, dadas as perspectivas teóricas adotadas. São definições que ora se complementam, ora divergem, contudo, o propósito aqui não é fazer juízo de valor acerca das definições, mas identificar como as definições voltadas para a proporção são múltiplas, evidenciando o próprio caráter das construções proporcionais.

Verifica-se que, no âmbito dos estudos tradicionais, há uma maior convergência, ao passo que entre os não tradicionais essa palpável convergência se perde. Nessas últimas investigações, é comum, inclusive, associar a proporção a outras semânticas da língua. Desse modo, é propósito também da presente análise defender o estatuto próprio da proporção, tendo em vista que se assume que este não deve ser abarcado entre classificações voltadas para outras semânticas da língua, ainda que, por vezes, haja esse tipo de aproximação. Para isso, são analisados exemplares extraídos do *Corpus Discurso&Gramática*, disponível em: <http://www.discursoeagramatica.letas.ufrj.br/>, com vistas a defender tal ponto de vista.

Nesse sentido, a partir das definições de gramáticas e estudos que abordam a semântica proporcional, busca-se retratar as dissensões presentes no tratamento do conceito de proporção, bem como discutir se as proporcionais não teriam direito a um estatuto próprio, desvinculado de outras nuances semânticas.

O presente artigo divide-se da seguinte forma: na seção a seguir, expõe-se a metodologia empregada; em seguida, são apresentadas as abordagens tradicionais voltadas para as proporcionais; logo após, são expostas as definições no âmbito das investigações não tradicionais; na seção que segue, são demonstrados casos de usos efetivos da língua, com o objetivo de defender o estatuto próprio da proporção nos estudos linguísticos; por fim, na seção 6 são expostas as considerações finais.

Metodologia

Esse trabalho apresenta caráter teórico e busca fazer um apanhado entre estudos normativos e abordagens não normativas a fim de elencar as distintas perspectivas acerca da noção de proporção na língua. Com esse objetivo, foram consultadas as seguintes gramáticas:

Autores	Título
Celso Cunha e Lindley Cintra	Nova gramática do português contemporâneo (2008, 5ª edição)
Rocha Lima	Gramática normativa da língua portuguesa (2011, 49ª edição)
Evanildo Bechara	Moderna gramática portuguesa (2009, 37ª edição)
Celso Pedro Luft	Moderna gramática brasileira (2002, 1ª edição)
Napoleão Mendes de Almeida	Gramática metódica da língua portuguesa (1983, 32ª edição)
Adriano da Gama Kury	Gramática fundamental da língua portuguesa (1973, 7ª edição)

Quadro I - Autores de abordagem tradicional

Nos estudos não tradicionais foram analisadas as seguintes obras:

Autores	Título
Ataliba de Castilho	Nova gramática do português brasileiro (2012, 1ª edição)
Rodolfo Ilari e Maria Helena Moura Neves (orgs.)	Gramática do português culto falado (2008)
Raposo <i>et alii</i>	Gramática do português (Volume II) (2013)
Mateus <i>et alii</i>	Gramática da língua portuguesa (2003)
Maria Beatriz Decat	Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista (2001)

Quadro II - Autores de abordagens não tradicionais

Desse modo, a partir da exposição dos estudos tradicionais, bem como dos não tradicionais acerca da proporção, busca-se salientar a visível divergência entre os autores, o que salienta a caráter múltiplo das análises voltadas para a proporção. Tal fato evidencia a dificuldade de apreensão das proporcionais além de reforçar a necessidade de mais investigações direcionadas para o objeto de estudo.

Em seguida, são expostos exemplares de uso efetivo da língua extraídos do *Corpus Discurso & Gramática* <http://www.discursioegramatica.letras.ufrj.br>, com o objetivo de defender que a proporção ocupa lugar próprio no âmbito das semânticas instauradas na língua, mesmo que se relacionando a outras, visto que essa é considerada uma característica imanente da língua.

As orações adverbiais proporcionais nas gramáticas tradicionais

Entre as gramáticas tradicionais, há um visível consenso em situar as construções proporcionais no bojo das orações subordinadas adverbiais, que, segundo os autores, representam a circunstância de proporção. Há, na maior parte desses manuais, uma breve definição acerca do conceito de proporção e, em seguida, a exposição de exemplos. Said Ali (1964) define as orações proporcionais do seguinte modo:

A oração proporcional denota aumento ou diminuição que se faz paralelamente no mesmo sentido ou em sentido contrario a outro aumento ou diminuição. Usam-se para este fim as expressões: *quanto mais...tanto mais...;quanto menos... tanto menos...;quanto mais... tanto menos...; quanto menos... tanto mais...* ou, tratando-se de comparativos syntheticos, *quanto maior...tanto maior; quanto melhor...tanto peor; quanto menor...tanto maior...*,etc. Exemplos:

Quanto mais leio esta obra, *tanto mais* a aprecio.

Quanto mais grosso é o vidro, *tanto menos* se enxerga atravez d'elle.

Quanto menor é a vaidade de cada um, *tanto maior* é o esforço e applicação.

Na oração principal mencionada em segundo lugar, omitta-se ás vezes a palavra *tanto*:

Quanto mais estudo, *mais* vontade tenho de aprender

Tambem se pode indicar a proporcionalidade recorrendo a outras expressões como: *á medida que, á proporção que*:

Augmentam as difficuldades domesticas *á medida que* a vida encarece. [*grifos do autor*] (SAID ALI, 1964, p. 202).

O autor, de maneira detalhada, aponta distintas configurações das orações proporcionais, que ora apresentam conectores tais como *quanto mais...tanto mais*, ora apresentam conectores como *à medida que* e *à proporção que*. Com base nessa visão, autores posteriores fazem referência à definição de Said Ali, como explicitado a seguir:

Denotam “aumento ou diminuição que se faz paralelamente no mesmo sentido ou sem sentido contrário a outro aumento ou diminuição”. (Said Ali, Gramática secundária da língua portuguesa, op. Cit., p. 146).

A inundação aumentava/*à medida que* subiam as águas do rio.

Ganhamos experiência/à *proporção* que envelhecemos. (ROCHA LIMA, 2011, p. 353)

Equivalem a um adjunto adverbial de proporcionalidade, e exprimem: Passagem gradual ou proporcional no tempo, ou concordância (motivo por que poderiam figurar entre as subordinadas temporais); “aumento ou diminuição que se faz paralelamente no mesmo sentido ou em sentido contrário a outro aumento ou diminuição” (Said Ali, GS, 202). [...] “As criaturas são mais perfeitas, [*à proporção que são mais capazes de amor*].” (M. Aires, RVH, 169); “E, [*à proporção que se avizinhava o momento supremo*], mais e mais imprudente lhe parecia a sua temeridade” (Al. Azevedo, CP, 281). [*grifos do autor*] (KURY, 1973, p. 95)

Rocha Lima (2011) e Kury (1973) recorrem à definição proposta por Said Ali (1964) para conceituar a noção de proporção, demonstrando a forte repercussão da obra, que, embora datada de 1964, é referenciada em textos, inclusive recentes, como a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* de 2011. Essa postura demarca o trabalho empreendido por Manuel Said Ali, cuja obra contribuiu e continua a contribuir de maneira exemplar nos estudos normativos de língua portuguesa.

Em relação aos apontamentos de Kury (1973), ressalta-se que, ainda que timidamente, o autor traz uma informação inédita sobre as orações proporcionais dentre as gramáticas tradicionais consultadas. Isso ocorre quando afirma que as orações proporcionais exprimem “passagem gradual ou proporcional no tempo, ou concordância (motivo por que poderiam figurar entre as subordinadas temporais)”. (KURY, 1973, p. 95). Assim, estabelece conceitualmente a aproximação entre a proporção e o tempo, demonstrando a intuição do autor em relação entre a aproximação entre os dois matizes.

Entre as gramáticas tradicionais consultadas, esse é o único autor que pontua a opacidade no conceito de proporção, apontando que as orações proporcionais poderiam ser situadas no âmbito das temporais. Tal postura é assumida por autores não tradicionais, que inclusive relacionam a proporção a outros matizes semânticos – como é exposto na próxima seção. Por esse motivo, é válido ressaltar o posicionamento crítico de Kury (1973) se comparado ao dos demais autores tradicionais.

Em outras gramáticas consultadas, o trecho referente à definição das adverbiais proporcionais resume-se a breves textos introdutórios e à veiculação de exemplos, não apresentando maiores discussões quanto ao conceito de proporção, como exposto a seguir:

Quando a subordinada exprime um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do fato que se declara na principal – *à medida que, à proporção que, ao passo que* [...], etc.:

À medida que a idade chega, a nossa experiência aumenta.

Aprendia *à proporção que* lia o livro.

Aumentava o seu vocabulário *ao passo que* consultava os mestres da língua. (BECHARA, 2009, p. 608-609)

[...] classificam-se em [...] proporcionais, se a conjunção é subordinativa proporcional:

Mais se alheava do mundo/*À proporção que* crescia (O. Mariano) (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 321)

Como diz o termo, denotam ‘proporção’.

[...] quando introduzidas por *à proporção que, à medida que, etc.*

Ex.: [[*À proporção que avança*], enxerga melhor]. [[*À medida que cresce*], torna-se mais desempenado]. (LUFT, 2002, p. 89)

Bechara (2009) apresenta o conceito de proporção de forma semelhante às definições estabelecidas por Rocha Lima (2011) e Kury (1973), e, em seguida, expõe exemplos de orações proporcionais. Já Cunha e Cintra (2008) e Luft (2002), expõem noções bastante introdutórias, que não podem ser consideradas definições sobre proporção, e fazem conclusões a partir de exemplares de orações proporcionais.

É válido ressaltar que Bechara (2009), Luft (2002) e Rocha Lima (2011) optam por apresentar orações em que os conectores resumem-se a exemplares constituídos por *à medida que, à proporção que*, não mencionando correlatores tais como *quanto mais...mais*, como exposto por Said Ali (1964). Em convergência com esse autor, Kury (1973) expõe o seguinte:

1- Simples, introduzidas pelas locuções *à proporção que, à medida que, ao passo que*. Exs:

“As criaturas são mais perfeitas, [*à proporção que são mais capazes de amor*].” (M. Aires, RVH, 169);

“E, [*à proporção que se avizinhava o momento supremo*], mais e mais imprudente lhe parecia a sua temeridade” (Al. Azevedo, CP, 281).

2- Correlatas, em que o termo intensivo que introduz a oração subordinada (quanto mais, quanto menos, quanto melhor, quanto pior) se acha em correlação com outro que introduz a chamada oração principal (mais, menos, tanto mais, tanto menos, etc.):

“[*Quanto mais se agitava*], mais preso na rede ficava” (M. Lobato, Fábulas, 172). [*grifos do autor*] (KURY, 1973, p. 95).

O autor não se restringe à explicitação de exemplos e traz uma breve taxonomia das orações proporcionais, que podem ser de natureza simples ou correlata. Ainda que grife em itálico somente os correlatores iniciados por *quanto*, depreende-se que o autor diferencia os

elementos duplos dos chamados simples, justamente por propor uma classificação que decompõe os dois tipos.

É bastante válida essa proposição de Kury (1973), que já percebe uma diferenciação entre as orações proporcionais, apontando que dentro desse grupo há conectores diversos, que funcionam de maneira peculiar. Contudo, apesar dessa importante distinção, não é destinado um tratamento específico para as orações proporcionais, uma vez que ainda são inseridas no âmbito da subordinação.

Nessa perspectiva, Cunha e Cintra (2008), em forma de observação - e não no corpo do texto de sua gramática - também apontam essa característica das construções proporcionais:

Estas orações podem estar em correlação com um membro da oração principal em construções do tipo: *quanto mais...tanto mais, quanto mais...tanto menos, quanto menos...tanto menos, quanto menos...tanto mais*:
/Quanto mais o conheço,/ tanto mais o admiro.

Como nestas orações não raro se omitem as palavras *quanto* e *tanto*, é necessário examinar com atenção o período em que elas ocorrem para classificá-las com acerto. Por exemplo, nas construções:
/Quanto mais o conheço,/ mais o admiro.
/Mais o conheço,/ tanto mais o admiro.
/Mais o conheço,/ mais o admiro.

A primeira oração é sempre a SUBORDINADA ADVERBIAL PROPORCIONAL; e a segunda, a PRINCIPAL. (CUNHA E CINTRA, 2008, p. 622-623, grifos dos autores).

Os autores evidenciam que há a possibilidade de orações proporcionais do tipo *quanto mais...tanto mais, quanto mais...tanto menos*. Em um primeiro momento, Cunha e Cintra (2008) pontuam que as orações podem estar em correlação com um membro da oração principal, inclusive empregando a nomenclatura *correlação*, em geral evitada por gramáticos de perspectiva tradicional por ser esse um rótulo não reconhecido pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), que admite apenas a coordenação e a subordinação como processos de estruturação sintática. No entanto, ao final, Cunha e Cintra (2008) afirmam que, apesar dessa característica, a primeira oração é sempre subordinada adverbial proporcional e a segunda, a principal. Assim, de maneira sinuosa, os autores defendem que, mesmo apresentando configuração distinta, as proporcionais ainda se inserem no bojo da subordinação e, por isso, são classificadas como subordinadas adverbiais proporcionais. Somado a isso, o fato de apresentar essa informação no formato de observação demonstra o caráter secundário atribuído à discussão, que não se situa no rol de prioridades da descrição gramatical.

É preciso ressaltar que não cabe, neste estudo, nenhuma avaliação de juízo de valor em relação às definições implementadas pelas gramáticas tradicionais, visto que elas se propõem a uma finalidade específica, voltada não para discutir aspectos polêmicos da língua, como as diferentes configurações das proporcionais e seus sentidos, mas estabelecer os usos prestigiados que compõem a norma padrão. Esse levantamento de definições tem como objetivo principal identificar que, até entre os autores tradicionais, há diferentes abordagens no que tange ao objeto de estudo em pauta.

Nesse sentido, verifica-se, na literatura consultada, a tendência a exibir exemplares que contêm expressões conectoras como *à medida que* e *à proporção que*. Nesses exemplos, a delimitação de oração subordinada e oração principal é estabelecida a partir da presença do conector, o que faz com que a subordinada seja aquela introduzida por *à medida que* ou *à proporção que*. Em relação às proporcionais com conectores duplos, Rocha Lima (2011), Bechara (2009), Luft (2002) optam por não apresentar esses casos. Assumindo outra postura, Cunha e Cintra (2008), Kury (1973) e Said Ali (1964) expõem exemplos com conectores duplos, contudo, não aprofundam a análise desse tipo específico de estrutura.

A partir das definições de cunho tradicional acerca das construções proporcionais, identifica-se que, há, de certa forma, a presença de abordagens com algumas características destoantes, principalmente no aspecto estrutural, ao apresentar ou não exemplares que apresentam conectores correlatos. Há, também, a aproximação da semântica de proporção à de tempo, empreendida por Kury (1973). Com isso, as variações na delimitação sintática e semântica destacam as possibilidades que podem ser atribuídas às proporcionais, que, já na perspectiva tradicional, demonstram não propiciar um espaço de plena concordância entre os autores.

Orações adverbiais proporcionais em outras abordagens

Sob perspectivas não tradicionais as dissensões são bem maiores do que entre os estudos normativos. Busca-se, nessa seção, evidenciar o tratamento dado à proporção em algumas dessas abordagens no sentido de estabelecer distintos matizes semânticos atrelados a esse conceito.

Castilho (2012), em sua gramática de base funcionalista define que as adverbiais podem ser integradas em três grandes grupos. São eles (1) causalidade *lato sensu*: causais, condicionais, concessivas e explicativas ou conclusivas; (2) temporalidade, incluídas as

proporcionais; (3) finalidade. Nesse sentido, o autor entende as proporcionais como subtipo das temporais e estabelece a definição “Temporais: expressam um tempo anterior, simultâneo ou posterior ao da matriz, sendo introduzidas por *quando, enquanto, ao mesmo tempo em que, à medida que, antes que, depois que.*” (p. 379). Ainda nessa perspectiva, utiliza a divisão das temporais desenvolvida Koch (1987), e traz os exemplos também da autora:

Tempo simultâneo/anterior/posterior
Comi a sobremesa enquanto/ao mesmo tempo em que você falava
Tempo progressivo
À medida que eu comia a sobremesa, eu via bater seu desespero

Assim, as orações proporcionais, representadas pelo exemplo *À medida que eu comia a sobremesa, eu via bater seu desespero* são instituídas como orações de tempo progressivo. Em relação aos conectivos correlativos de cunho proporcional, não foram estabelecidas descrições específicas.

Entedimento semelhante apresenta Decat (2001) ao postular que a proporção faz parte do matiz semântico de tempo, uma vez que indica simultaneidade ou coincidência de eventos, trazendo os exemplos:

- Destaca-se, a princípio, a Psicologia, mas, **à medida que os reformadores vão explorando e tentando levar à prática seus objetivos**, outras ciências humanas se insinuam e se estruturam.
- E aí ce tem técnicas de analisar o material como é que ele::... tá evoluindo **à medida que o tempo passa...**
- quer dizer ocê ocê é um pouco racionalista **na medida em que você prevê na sua cabeça uma hipótese... e é empirista na hora que ocê busca a resposta MESmo... a confirmação disso nos dados... reais e tal... né?**. (p. 5)

Sob seu ponto de vista, as gramáticas tradicionais ora apresentam classificações muito amplas, generalizando nuances semânticas que mereciam ser colocadas em destaque (como as condicionais com valor temporal), ora são exageradamente minuciosas, o que leva à perda de generalização pertinente, como é o caso das proporcionais. A razão disso, para Decat, é o fato de a classificação tradicional ser muito presa aos conectivos que introduzem as cláusulas.

Na gramática do português culto falado (2008, p. 1099), o capítulo 12 é destinado às construções correlatas. Nele, o autor Marcelo Módolo traça características relacionadas aos diferentes tipos de correlação (aditiva, alternativa, consecutiva, comparativa e proporcional). De forma reduzida, é apresentado o breve conceito de correlação proporcional:

Raramente a literatura registra este tipo de correlata em que, sobrepondo-se à noção de proporção, está a noção de conformativa, implicando “um acordo” entre as asserções das duas sentenças correlacionadas: (Barreto, 1992).
Quanto mais conhecimento o cético adquiria das filosofias, *tanto mais* conflitantes elas lhe iam parecendo.

O autor, pautado em Barreto (1992), assume que o conceito de proporção é sobreposto pelo de conformidade na estrutura correlativa. Com isso, diferente de Decat (2001) e Castilho (2012), que entendem as construções de *à medida que* como temporais, Barreto (1992) e Módolo (2008) pontuam que, na correlação proporcional, o matiz semântico dominante é a conformidade. Essas distintas interpretações parecem ser motivadas pelas distintas estruturas assumidas pelas construções proporcionais, ora introduzidas por *à medida que*, ora por conectores correlativos do que pelo escopo sinuoso da proporção.

Mateus *et alii* (2003, p. 765) distinguem o comportamento dos conectores correlativos e dos conectores isolados como *à medida que*, mas por ambas estruturas apresentarem conectivos de quantificação e grau, são integradas ao grupo das construções de graduação e comparação. Isso é explicitado a seguir:

A relação de proporcionalidade é clara quando os conectores são correlativos descontínuos (*quanto mais...tanto mais*) mas ela também existe com os conectores não correlativos (*à medida que*, *à proporção que*), por vezes associada a um valor temporal, como é o caso de *enquanto*.

De forma distinta dos autores até então citados, Mateus *et alii* (2003), apesar de assumirem que os conectores não correlativos podem apresentar valor temporal, não tomam isso como uma norma, salientando que esse pode ser um escopo semântico, mas que não anula o da proporção.

No intuito de diferenciar os dois tipos de estruturas proporcionais, as autoras fazem testes e, a partir deles, concluem que os conectores correlativos, ou descontínuos, não são deslocáveis, não são objeto de clivagem e não são adjuntos à oração matriz. Por conseguinte, afirmam:

A gramaticalidade dos exemplos mostra que este segundo tipo de orações proporcionais [compostos por *à medida que*] tem o estatuto de adjunto, aproximando-se das subordinadas adverbiais; mas por comportarem conectores que exprimem uma quantificação/grau integram-se nas construções de graduação. (MATEUS ET ALII, 2003 p. 766).

De modo esclarecedor Mateus *et alii* pontuam que a natureza dos conectores repercute no comportamento sintático das construções proporcionais. É interessante notar que, nessa

abordagem, as autoras buscam conjugar aspectos sintáticos e aspectos semânticos, analisando o comportamento dos conectores e estabelecendo uma categoria que inclui esse matiz semântico.

Na gramática do português (RAPOSO *ET ALII*, 2013, p. 2005), encontra-se uma definição bastante semelhante à de *Mateus et alii* (2003). A diferença é que nessa é dada uma importância maior às orações de *à medida que* que estabelecem noção temporal, como é visto no trecho:

Orações com *à medida que* + indicativo/conjuntivo

As orações introduzidas por *à medida que* estabelecem uma correlação temporal entre a oração subordinada e a OP: o evento da OP progride temporalmente de uma forma gradual, paralela à do evento da oração subordinada:

À medida que o comboio avança, a paisagem torna-se mais agreste.

À medida que o tempo passava, a minha angústia aumentava.

Com isso, assume-se que orações com *à medida que* + indicativo/conjuntivo constituem um subtipo das orações temporais. No entanto, posteriormente, postula-se a categoria *estrutura de correlação de escalas* semelhante às *construções de graduação e comparação* já vistas. Nessa categoria, encontram-se as correlações entre duas escalas, tanto com conectores correlativos quanto com *à medida que*.

Quanto mais ele fala, mais se contradiz

Quanto menos estudantes há, menos professores são precisos

Quanto mais tempo ele demorar, menos pessoas vai encontrar à sua espera

Quanto menos médicos houver, mais doentes terão de ser atendidos por cada um.

Se os operadores comparativos forem idênticos, a construção indica que as duas escalas são diretamente proporcionais; se forem diferentes, a construção indica que as escalas são inversamente proporcionais. como em (a), mas também podem estar associados a classes de palavras diferentes como em (b). (RAPOSO *ET ALII*, 2013, p. 2165)

Os dois pontos ressaltados – caráter diretamente ou inversamente proporcional e correlação de elementos de distintas classes– são bastante interessantes no sentido de mapear de forma mais acurada a estrutura das proporcionais.

Tanto *Mateus et alii* (2003) quanto *Raposo et alii* (2013) preveem uma nova categoria para alocar as construções proporcionais. Essas iniciativas mostram o desconforto em situá-las indiscriminadamente entre as orações subordinadas adverbiais, sem ao menos abarcar a questão dos conectores correlativos. Entre os autores consultados, houve com frequência a associação

das proporcionais às temporais, alguns afirmando com mais assertividade, outros com ressalvas.

O lugar da proporção

Depois da análise dos estudos gramaticais de caráter tradicional e de outras abordagens, a pergunta que se coloca é se a proporção como “justa relação entre as coisas [...]” (Houaiss, 2009) tem lugar entre os matizes semânticos. As análises, principalmente em abordagens não tradicionais, atrelam o conceito de proporção a outros matizes semânticos, o que aponta para a perda de autonomia da proporção na medida em que seu estatuto ora se desloca para tempo, ora para conformidade.

A partir da exposição de ocorrências resultantes do levantamento empreendido no *Corpus Discurso & Gramática*, busca-se reivindicar o lugar da proporção dentre os aspectos semânticos da língua.

[...] você olha...pro lado...pra ver se tem algum carro...se não tiver...você...você solta o pé da embreagem...vai andando devagarzinho...aí você vai/ **à medida que** o carro vai...tomando velocidade...você vai mudando as marchas...entendeu? (D&G Juiz de Fora, Inf. 8)

Em (1), por exemplo, a ação de tomar velocidade está totalmente relacionada à de mudar as marchas, de modo que o desenvolvimento de uma ação leva a outra. Assim, ainda que passe pela noção de tempo e, nesse caso, também pela de conformidade, a ideia de que dois eventos simultâneos ocorrem e se dão juntamente caracteriza a proporção. Ela pode se assemelhar a outras nuances de sentido, mas não perde sua identidade. Estruturalmente, a correlação entre os verbos também marca a proporção, ambos formados pela perífrase *ir* no presente + verbo no gerúndio, ressaltando a condição simultânea dos fatos.

Depois do café eu saía com meu primo, e nós pegávamos outra estrada de chão batido, muito estreita. **Quanto mais** nós caminhávamos, **mais** comprida parecia a estrada. Para mim naquela época a estrada parecia não ter fim. A cidade tinha muitas árvores: eucaliptos, pinheiros, acácias, limoeiros, etc. (D&G, Rio Grande do Norte, Inf. 7).

Este é um outro ponto importante, isto é, cada papel, principalmente os de melhor qualidade oferecem uma trama que é o correspondente à disposição dos fios de um tecido de algodão. **Quanto melhor** for o papel, obsevaremos ainda **mais** tal detalhe. (D&G, Natal, Inf. 4).

Em (2) e (3) a estrutura correlativa parece tornar mais evidente a noção de proporção, evitando o conflito com tempo ou com conformidade. Contudo, a interpretação é similar, um

fato se dá em concomitância a outro, logo *quanto mais se caminha, mais comprida parece a estrada e quanto melhor é o papel, observa-se mais o detalhe*. Desse modo, as duas partes estão intrinsecamente correlacionadas, de modo que uma enseja a outra, compondo uma relação semântica particular, que não deve ser diluída no âmbito de outras.

Sabe-se que na língua os matizes semânticos, por vezes, se amalgamam, levando a interseções, contudo há casos prototípicos, como (2) e (3). Assim, não se compreende que os casos com locuções conectoras, como (1), não sejam proporcionais, mas aponta-se que, nesses exemplares, há, de fato, uma aproximação maior com o matiz temporal. Assume-se que há casos em que se identifica uma semântica mais evidente, porém, associada a outra. Da mesma forma, há casos em que se verifica uma semântica proeminente apenas, os chamados casos prototípicos. Tais apontamentos salientam o caráter múltiplo da proporção, seja em sua definição semântica, seja em sua estrutura com dois ou um conector. Contudo, o que se defende é que a proporção tem estatuto próprio e não deve figurar entre classificações voltadas para outras semânticas da língua, ainda que, por vezes, haja esse tipo de aproximação. A proporção é um conceito particular, que demarca a relação entre parte e todo, compondo um tipo específico de construção, em que uma parte enseja a outra, por isso deve ocupar seu respectivo lugar no rol de relações linguísticas.

Considerações finais

A noção de proporção apresenta-se como um matiz semântico gerador de divergências entre estudiosos da língua. Por esse motivo, principalmente em abordagens mais modernas, é uma tendência sua perda de independência dentre outros sentidos mais abrangentes. Contudo, defende-se seu lugar em meio aos matizes semânticos e admite-se que há casos em que, de fato, as nuances de sentido se cruzam.

Com isso, proporcionais, como *Quanto mais nós caminhávamos, mais comprida parecia a estrada e Quanto melhor for o papel, observaremos ainda mais tal detalhe* configuram exemplares prototípicos da proporção, ao passo que *vai andando devagarzinho...aí você vai/ à medida que o carro vai...tomando velocidade...você vai mudando as marchas...* guarda relação com a semântica temporal, tendo em vista que marca a execução de ações em concomitância. No entanto, tal relação de imbricação com a noção temporal não anula a implementação da proporção como matiz semântico da língua, assumindo seu estatuto particular.

Nesse sentido, ressalta-se o valor em discutir a autonomia da proporção, pautada na exposição de estudos tradicionais ao lado de não tradicionais, com o objetivo de evidenciar a divergências entre os autores. Por fim, a exposição de casos efetivos do uso da língua manifestam a relevância do conteúdo proporcional no âmbito linguístico. Desse modo, mostra-se interesse na continuidade do estudo com base em novas ocorrências para análise de maneira a estabelecer os limites, ainda que difusos, entre a proporção e outros sentidos presentes na língua.

Referências

- ALMEIDA, N. M. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 2004.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- CASTILHO, A. T. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- DECAT, M. B. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT *et al.* **Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 103-166.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KURY, A. G. **Novas lições de análise sintática**. São Paulo: Ática, 2003.
- LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2011.
- LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. São Paulo: Globo, 2000.
- MATEUS, M. H. *et al.* **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.
- MÓDOLO, M. As construções correlatas. In: ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática do português culto falado no Brasil**. vol. 2. São Paulo, Unicamp, 2008.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- RAPOSO, E. et al. **Gramática do português**. Lisboa: *Fundação Calouste Gulbenkian*, 2013.
- ROSÁRIO, I. C. **Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional**. 2012. 250 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói, 2012.

SAID ALI, M. **Gramática secundária da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.